

## **SENTIMENTO DE ABANDONO NA MATURIDADE FEMININA: UMA ANÁLISE DO CONTO *FELIZ ANIVERSÁRIO*, DE CLARICE LISPECTOR**

Maria Aparecida do Nascimento Dias\*  
Marília Araújo Félix\*

### **RESUMO:**

*O presente artigo discute a problemática da velhice no âmbito familiar, a partir do conto Feliz aniversário, de Clarice Lispector, observando o desprezo conferido à anciã D.Anita pelos demais sujeitos (seus próprios filhos) que, sendo de uma geração mais jovem, se sentem no dever ou mesmo obrigados a cuidar desta senhora, cuja idade avançada atrapalha o individualismo das demais personagens. Nesse sentido, buscou-se averiguar o sentimento de abandono e de angústia que permeia uma pessoa "velha", por não se sentir mais correspondida no campo afetivo-emocional com atitudes de carinho e proteção por parte dos parentes. Partiu-se de uma revisão bibliográfica baseada em Giannetti (2005), Falcão e Dias (2005) Bauman (2008), sobre as temáticas: maturidade, angústia na velhice e individualismo na sociedade contemporânea.*

**PALAVRAS-CHAVE:** *Maturidade; angústia na velhice e individualismo na sociedade contemporânea.*

### **INTRODUÇÃO**

É bem verdade que a globalização no mundo pós-moderno imprimiu um novo ritmo na vida das pessoas bem como nas suas relações interpessoais. Cada vez mais o indivíduo e principalmente os jovens, tem perpetuado na mente a idéia de que é obrigado a se superar sempre, ser competitivo, enfim, precisa procurar se capacitar para garantir seu espaço na sociedade.

Essa necessidade de vencer a todo custo as cobranças que o mundo capitalista impõe, reflete não raro, uma sociedade caracterizada como individualista, na qual a afetividade e os sentimentos de carinho entre os indivíduos estão cada vez mais fragilizados, até mesmo no âmbito familiar, principalmente na fase da vida conhecida como a velhice.

---

\* Graduandas em Letras pela Universidade Estadual da Paraíba - UEPB

Entendida como uma etapa da vida, cuja fragilidade corporal e mental do indivíduo está em maior evidência, a velhice pode configurar-se para alguns, como o período mais doloroso da existência, uma vez que não raro o idoso é tratado por alguns que vêem neste senão um “peso”, um estorvo, um fator cerceador da liberdade plena do uso do tempo de cada um diretamente ligado ao idoso.

Na velhice caso o idoso tenha tido filhos no decorrer da sua vida, estes geralmente já tem casado ou mesmo saído do lar em virtude dos estudos, trabalho enfim, deixando dessa forma o *ninho vazio*. E mesmo aqueles filhos que se encarregam de cuidar do idoso, nem sempre se dedicam como deveriam, chegando na maioria dos casos a tratar o idoso com arrogância ou falta de cuidado e proteção devidos. Situações desse tipo podem gerar no sujeito idoso sentimentos de angústia, de solidão, de invalidez, que deságua quase sempre numa atmosfera de muito abandono, confirmando assim um confronto afetivo e de objetivos entre jovens e velhos. Enquanto o primeiro grupo se preocupa mais com a sua realização profissional e seus projetos pessoais, o segundo grupo fica muitas vezes à mercê do amparo dos outros, sem muita segurança. A esse respeito Giannetti (2005. P.107) argumenta:

O teor da antevisão do futuro também se altera. Enquanto aos olhos ainda frescos e expectantes da juventude o vácuo do porvir tende a ser preenchido pelo sonho, o mesmo não ocorre às retinas fatigadas dos mais velhos. O peso da experiência acumulada – boa parte dela possivelmente feita de decepções e dissabores – e o horizonte mais restrito à frente tendem a reforçar o elemento de pessimismo e apreensão quanto o amanhã.

No presente trabalho intitulado *Sentimento de abandono na maturidade feminina: Uma análise do conto **feliz aniversário** de Clarice Lispector* buscou-se averiguar o tratamento desumano oferecido a uma senhora velha por seus filhos. A partir da narrativa em questão, observa-se como a velhice pode ser vista como um empecilho para aqueles que só pensam em si próprios instalando-se um contexto de grande abandono para aqueles que nesta etapa da vida estão sozinhos, dependentes dos familiares, que não se dispõem ao seu cuidado ou por falta de oportunidade ou por mero descaso .

No conto, a personagem principal D. Anita, é homenageada pelos filhos com uma festa de aniversário pelos seus oitenta e nove anos de idade. Esperava-se que fosse realmente um *feliz aniversário*, mas na verdade a festa tinha mais ares para velório. Tendo sido organizada por Zilda - dona da casa e responsável pela senhora sua mãe - e pelos demais filhos homens e noras, a ocasião festiva seria uma forma de camuflar o desprezo e abandono votado à anciã que só era visitada de ano em ano

pelos familiares. Mesmo no auge dos seus cabelos brancos, D.Anita não escondia o desgosto para com os filhos e enteados e era talvez a única que não estava representando um papel, uma farsa. Permanecia mórbida, furiosa e infeliz porque sabia que na íntegra todos se aproveitaram do momento do aniversário para disfarçar a falta de cuidado e de carinho por ela.

Em algumas passagens do conto *Feliz aniversário*, a autora Clarice Lispector através da técnica de introspecção psicológica oferece ao leitor um quadro interior, psicológico, das personagens. Na passagem que se segue, a anciã D. Anita faz uma reflexão ou solilóquio sobre o tipo de personalidade dos filhos que ela teve, expressando um sutil desgosto por não poder confiar ou mesmo se amparar naqueles que formavam a sua prole. *"Oh o desprezo pela vida que falhava. Como?! como tendo sido tão forte pudera dar à luz aqueles seres opacos, com braços moles e rostos ansiosos?"* (P.60). Na descrição supracitada acerca da "imagem" que a idosa fazia dos filhos, a tríade de adjetivos *opacos, moles, ansiosos* é muito importante para entendermos como a matriarca pensava a respeito dos seus entes. Ao citar "*seres opacos*" a idosa parece não conseguir "ver" refletido naqueles que ela tinha gerado, um traço, uma herança sequer da sua personalidade. Pelo contrário, eles não *transpareciam* o que sentiam, mas eram *opacos* como um vidro embaçado onde não é possível enxergar com nitidez o que está do outro lado. Tinham "*braços moles*" contrariando a idéia de que braços fortes conotam segurança, proteção e firmeza. Aqueles eram "moles". Em nenhum momento da festa ousaram direcionar um a-braço para a aniversariante. Finalmente, aqueles "*rostos ansiosos*", provavelmente pelo término da festa, para novamente voltarem às suas rotinas, atividades e negócios habituais".

Em certos trechos do conto D. Anita parece mais um robô, uma pessoa estática ou imóvel como uma boneca, cuja expressão facial e corporal não demonstra graça ou satisfação diante daquele evento oferecido pelos seus filhos e respectivos netos e noras. Veja-se neste fragmento a indiferença, estampada no semblante da idosa: *"Os músculos do rosto da aniversariante não interpretavam mais, de modo que ninguém podia saber se ela estava alegre.* (P.56). Decerto não estava feliz com aquele momento, visto que nem um sorriso conseguia manifestar. Sabia que tudo fora preparado meticulosamente não com o intuito de confraternizarem os seus 89 anos de idade, mas para não deixar tão às claras a penumbra do abandono que nem mesmo os adereços coloridos conseguiam disfarçar a situação dela. Vale ressaltar que embora os filhos não demonstrem "nojo" ou direcionem palavras agressivas à velha, também não mostram carinho sincero. Até aquele conjunto de palavras "feliz aniversário", cujo

uso já se tornou um clichê, ou bordão para saudar aniversariantes, não representavam sinceridade na narrativa em questão.

### **1.0 Perdas, abandono e aparências**

Pensar nas diversas possibilidades de encarar e/ou culpar algo ou alguém pelas tristezas e mágoas sentidas por D. Anita, seria então enfatizar que o luto é também um dos responsáveis por acarretar tais sentimentos na anciã. Além, é claro, dos demais fatores contribuintes para elevação do estado emocional da mesma, como por exemplo, a falta de atenção, de carinho, enfim, de sentimentos verdadeiros dos filhos e parentes. A partir de trechos do conto, vejamos então o que se justifica acerca desta temática.

No momento de despedir-se da anciã, em festas anteriores, Jonga - o filho mais velho- sempre estava em sua casa para proferir as palavras de carinho e afeição para com a Mãe. Entretanto, não era mais o que acontecia desde sua morte. Observe, (p.65);

*"José esperando de si mesmo com perseverança e confiança a próxima frase do discurso. Que não vinha. Que não vinha. Que não vinha. Como Jonga fazia falta nessas horas [...] Como Jonga fazia falta nessas horas! Também fora o único a quem a velha sempre aprovara e respeitara. [...] E quando ele morrera a velha nunca mais falara nele, pondo um muro entre sua morte e os outros."*

Além da falta de sentimentos verdadeiros expressos nesta ocasião, de despedida, por parte dos filhos, que diferentemente de Jonga, nada representavam para esta senhora "vazia" e "impotente" de sentimentos, há também o fato de que para a anciã assim como para os demais filhos, *Jonga fazia falta nessas horas e datas especiais* pelo fato de ser o único a não ter dificuldade de falar sobre a mãe e para a mãe de modo especial e verdadeiro; para tal estado emocional, justifica-se então o fato de que D. Anita passou por perdas consideráveis ao longo de sua vida. Principalmente se esta perda for relacionada ao filho e ao cônjuge, entes queridos para a idosa. Vejamos o que diz (OLIVEIRA e LOPES, 2008, p.220) acerca deste assunto:

"Lidar com a morte é mais difícil quando se conviveu com a pessoa. Imaginemos quão mais intenso é o luto para aqueles que não só conviveram com o falecido, mas também foram seus progenitores" .

Teoricamente apontado como um dos fatores indispensáveis a ser considerado acerca das mágoas e ressentimentos vividos por D. Anita, o luto, "é um processo de aperceber-se, de tornar real o fato da perda" (Cf. Parkes, 1998, p.199 *Apud* OLIVEIRA e LOPES, 2008, p.218). Então, o luto de uma forma geral, quer por causa do filho Jonga, quer por causa do seu cônjuge, fora e é um árduo acontecimento para esta senhora que cultivara o amor e respeito para com estes seres simbolicamente importantes para ela.

*"Casara em hora e tempo devidos com um bom homem a quem respeitara e (...) que lhe fizera filhos. O tronco fora bom"* (P.60)

*"Também fora o único a quem a velha sempre aprovara e respeitara."* (P.60)

O luto pode representar um processo de grande impacto no idoso, pois este traz consigo perdas pessoais e sociais decorrentes de a velhice ser estigmatizada como fase da invalidez ou da condescendência. (...). Devemos então considerar que cada um viverá essa morte do cônjuge ou do filho de acordo com o histórico de convivência entre esses (...). (Brasil escola, s/d. *Apud*, OLIVEIRA e LOPES p. 220-221)

As mágoas e ressentimentos da vida de D. Anita parecem ser justificados pelas perdas que passou ao longo de sua vida, haja vista perder o filho que mais amava, assim como o cônjuge por quem tivera carinho e respeito em vida. Além deste agravante considera-se ainda o fato de os demais filhos não estarem na festa para homenageá-la e/ou demonstrar que a amam, mas sim para vivenciar as **aparências** de uma relação familiar amorosa-sentimental. José, sempre tenso em representar o papel do filho mais velho; as noras, num jogo de futilidades, fingem sempre suportar a situação delicada que foram "obrigadas" a passar. A única filha Zilda, não esconde o fato de que cuida e mora com a anciã porque não há outro que o queira. E nesse jogo de aparências, percebe-se então que o idoso passa a ser um peso, quando não um problema para aqueles seres, que ocupados com suas vidas, com o dinheiro e a atual família, desprezam aqueles que lhes proporcionaram a vida. E, em meio a esta agitada sociedade, as atuais gerações não mais têm tempo para cuidar e se preocupar com seus velhos. O que se torna um problema gerado pela sociedade contemporânea e individualista.

A ocasião "celebrada" pelos filhos, pelas noras e netos de D.Anita, não parece ser motivo de celebração interior ou mesmo exterior para a anfitriã, que tomada pelo sentimento de abandono de sua prole para consigo, sente-se insegura e passa a perder o controle da situação ambivalente na qual se encontra, visto que está diante de parentes que supõe amá-la e se fazem presente em sua festa quer para homenageá-la, quer para demonstrar que estão ali por falta de opção de estar em

outro lugar quer ainda para demonstrar desprezo como faz a nora da Olaria. "*Vim para não deixar de vir*" (p.54).

Passados os momentos de enfrentar a hipocrisia inicial por parte das noras, a falsidade e falta de afeição dos filhos e os inutilizáveis presentes trazidos por estes, a anciã cansada de tais acontecimentos, repugna a presença destes seres opacos, fúteis e fracos em sua festa, e enojada dos rostos ali presentes, age instintivamente;

"*E de súbito a velha pegou na faca. E sem hesitação, como se hesitando um momento ela toda caísse para frente, deu a primeira talhada com o punho de assassina.*" (p.59) "*Virou a cabeça e com força insuspeita cuspiu no chão.*" (p.61), a raiva a sufocava como denuncia o narrador, e mais ainda ao ver a família que tem: "*corja de maricas, cornos e vagabundas!*" (P.61)

Estes e outros momentos nada convencionais ou confortáveis aos que assistem e participam de atos instintivos e de hesitação como estes, são seguramente comentados por BAUMAN (2008, P. 78):

Quando dizemos que coisas ou situações são ambivalentes, o que desejamos dizer é que não podemos estar certos do que vai acontecer nem saber como nos comportar, tampouco prever qual será o resultado de nossas ações. Instintivamente ou por hábito adquirido, não gostamos e tememos a ambivalência, aquela inimiga da segurança e da autoconfiança. Estamos inclinados a acreditar que nos sentiríamos muito mais seguros e confortáveis se as situações não fossem ambíguas – se o que fazer fosse claro e o que viria a acontecer se o fizéssemos fosse sempre previsível.

Os atos e falas de D. Anita acima descritos, compactuam de tal descrição elaborada por Bauman no que diz respeito a perder o controle da situação, pois, no decorrer da "festa", a anciã surpreende a todos com suas atitudes nada convencionais quando se fala em *mãe* e em *aniversário*, haja vista não fazerem parte destas representativas simbologias. Entretanto, passamos a entender o modo como a mesma se sente frente às adversidades do evento, que fora de ser um normal, desejado e verdadeiro evento comemorativo é, na verdade, uma representação, uma encenação do ideário *família feliz*. Podemos então entender que a falta de segurança e o temor da situação fez com que D. Anita agisse de tal maneira, até mesmo porque não se pode haver segurança e confiança numa situação pouco convencional para qualquer idoso.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS:

As reflexões aqui apontadas neste artigo pautado no conto *feliz aniversário* de Clarice Lispector, apresentaram um tema de fundamental importância que é o sentimento de abandono na velhice no contexto familiar. Nessa abordagem, entendemos que muitas situações que levam o idoso a se sentir abandonado são provocadas pela condição de fragilidade nas relações afetivas e sociais, pela dependência de outras pessoas, não raro os filhos, que muitas vezes não se dedicam como deveriam, propiciando uma distância afetiva, uma vez que o idoso quer o acolhimento, a presença e o amor dos seus; também, a perda de autonomia e da independência, e principalmente pelo esfriamento desses vínculos afetivos ocasionado por uma sociedade individualista na qual vivemos.

Entendemos que a discussão sobre o abandono na velhice não se esgota nessa análise, mas consideramos que existem inúmeras maneiras para amenizar este problema, tais como: o envolvimento da família nas relações com seu idoso, a consciência da sociedade, para realizar ações sociais eficazes que sejam frutos de políticas públicas e sociais para permitir que a pessoa velha seja tratada com dignidade, proteção e cuidado por parte da família e da sociedade em geral.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUMAN, Zygmunt. Modernidade e clareza: a história de um romance fracassado. P.78-94. **In:** \_\_\_\_\_. **A sociedade individualizada: vidas contadas e histórias vividas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

Brasil Escola (s/d). Um estudo teórico da morte. Recuperado em 16 de fevereiro de 2007, de <http://www.brasilecola.com/psicologia/estudo-teorico-morte2.htm>. **In:** OLIVEIRA, João Batista Alves de; LOPES, Ruth Gelehrter da Costa. **Revista Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 13, n. 2, p. 217-221, abr./jun. 2008. Recuperado em 02 de setembro de 2009, de <http://www.scielo.br/pdf/pe/v13n2/a03v13n2.pdf>

FALCÃO, Deusivânia Vieira da Silva e DIAS, Cristina Maria de Souza Brito. (Orgs) **Depressão na maturidade feminina: Benefícios e desafios de uma intervenção grupal**

P.249-268. **IN: Maturidade e velhice: intervenções psicológicas. Vol.I** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.

GIANNETTI, Eduardo. A escolha intertemporal no ciclo da vida: maturidade e velhice P.99-115 **In: O valor do amanhã: ensaio sobre a natureza dos juros.** São Paulo: Companhia das Letras, 2005

LISPECTOR, Clarice. Feliz aniversário. P.54-67. **IN: Laços de família.** Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

OLIVEIRA, João Batista Alves de; LOPES, Ruth Gelehrter da Costa. **Revista Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 13, n. 2, p. 217-221, abr./jun. 2008. Recuperado em 02 de setembro de 2009, de <http://www.scielo.br/pdf/pe/v13n2/a03v13n2.pdf>

Parkes, C. M. (1998). **Luto: estudos sobre a perda na vida adulta.** São Paulo: Summus. **In:** OLIVEIRA, João Batista Alves de; LOPES, Ruth Gelehrter da Costa. *Revista Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 13, n. 2, p. 217-221, abr./jun. 2008. Recuperado em 02 de setembro de 2009, de <http://www.scielo.br/pdf/pe/v13n2/a03v13n2.pdf>